

MULHERES EMPREENDEDORAS

ALÉM DE PROMOVER A INCLUSÃO DE MUITAS PROFISSIONAIS NO MERCADO, O EMPREENDEDORISMO FEMININO INCENTIVA O DESENVOLVIMENTO DE COMUNIDADES MAIS PRÓSPERAS

| POR MARIA JOSÉ TONELLI + TALES ANDREASSI



quase desnecessário dizer que, desde o século XIX, no início da industrialização, as mulheres já trabalhavam como operárias nas fábricas. Mas foi somente a partir da segunda metade do século XX que elas ampliaram de modo expressivo sua entrada no mercado em vários segmentos e hierarquias, representando atualmente 49,9% da força de trabalho nos Estados Unidos. Apesar do avanço, tal processo não tem sido homogêneo nem uniforme, com variações que dependem de países e regiões.

No Brasil, a tendência para o aumento da participação feminina na economia ocorre desde meados dos anos 1970. O trabalho da mulher está marcado por atividades precárias e informais, em geral, de má qualidade. Entretanto, ainda que permaneçam inúmeras questões desfavoráveis nesse sentido, as condições melhoraram nesta última década: o público feminino possui maior escolaridade em comparação ao masculino e passou a ocupar postos de prestígio e liderança nas organizações públicas e privadas.

Dados apresentados no relatório do Global Entrepreneurship Monitor (GEM) ressaltam a expressiva participação da mulher em atividades econômicas no Brasil: 58% trabalham, mas 30% ainda ocupam funções precárias, incluindo o setor agrícola. Além disso, elas ganham menos do que os homens, mesmo tendo carga horária semelhante. Essa condição se repete de maneira acentuada em países como

Japão e Itália. Nesse quesito, a menor diferença entre salários está na Suécia e na Dinamarca.

FAMÍLIA E NEGÓCIO ANDAM JUNTOS

A literatura nacional e internacional mostra que há uma relação entre a composição da família e as atividades econômicas exercidas pelas mulheres. As últimas décadas no Brasil foram marcadas por diversas mudanças na estrutura do lar. Houve uma redução no tamanho dos arranjos familiares, que são compostos atualmente por uma média de 3,2 pessoas por domicílio.

Algo importante a ser observado é o crescimento acentuado dos lares chefiados por mulheres: aproximadamente 30% do total. Esse cenário traz uma mudança relevante quando comparado à situação dos anos 1970, quando as famílias eram comandadas quase que em sua totalidade por homens. Ainda que a maioria dos domicílios seja conduzida pelo sexo masculino, esse número é bastante significativo quando se fala em influência feminina.

De fato, pesquisas recentes sobre o papel da mulher no mercado de trabalho mostram que a identidade feminina está voltada tanto para a atividade profissional como para a família. O perfil das trabalhadoras indica que atualmente elas são mais velhas, casadas e mães; trabalham, mas continuam responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidados com os filhos, ou seja, tratam-se de modelos que geram o conhecido fenômeno da dupla jornada.





O programa **10.000 Mulheres** oferece educação em administração e gestão de negócios gratuitamente para empreendedoras.

Para mais informações, acesse: www.10000mulheres.com.br

Nesse sentido, a relação entre a dinâmica familiar e o empreendedorismo feminino se mostra muito instigante. Ao se desenvolverem, com a conquista de novos postos de trabalho e mais capital, as mulheres tendem a investir os recursos econômicos adicionais nas pessoas de seu entorno, seja na educação dos filhos ou familiares, ou na criação de empregos em sua comunidade. Investir nesse segmento tem efeito multiplicador, além de contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais próspera.

NO BRASIL: CONCORRÊNCIA ACIRRADA

Nesta última década, o aumento do número de mulheres empreendedoras foi também favorecido pela estabilidade das condições econômicas no Brasil. Os dados do GEM de 2011 mostram que elas já representam 49% do total de empreendedores no país, uma evolução de 11 pontos percentuais em comparação ao ano de 2001, quando somavam 38%. As estatísticas internacionais também dão destaque a esse aspecto. Dos 54 países participantes da pesquisa GEM, apenas quatro possuem um percentual de empreendedoras superior aos 49% encontrados no Brasil. A mesma pesquisa mostra que esse público investe em negócios tradicionalmente relacionados ao mundo feminino, como vestuário, serviços coletivos sociais e pessoais, comércio varejista de produtos farmacêuticos, de beleza, perfumaria e cosméticos, bem como fornecimento de comida preparada.

As mulheres representam 49% do total de empreendedores no Brasil, uma evolução de 11 pontos percentuais em comparação ao ano de 2001, quando somava 38%

DESAFIOS

As empreendedoras enfrentam diversos tipos de dificuldade: uma pesquisa que compara brancas e negras nos Estados Unidos mostrou que elas seguem caminhos planejados e não planejados para abrir seu próprio negócio; usam fontes de recursos variadas para financiar seu empreendimento e há, especialmente, atitudes relacionadas à raça e ao gênero que podem afetar a sua decisão em iniciar um negócio.

As mulheres também enfrentam grandes desafios para se organizarem: um estudo na Ásia mostrou que elas trabalham isoladas e desordenadamente. Além disso, nessa região, fatores sociais, culturais e ocupacionais contribuem para que muitos aproveitem a pobreza, vulnerabilidade e



As mulheres geralmente investem em negócios relacionados ao mundo feminino, como vestuário, serviços pessoais e comércio de produtos de beleza

desespero dessas profissionais, que enfrentam estruturas muito burocráticas e grande dificuldade de crédito. Mas a pesquisa evidenciou também que as possibilidades de empoderamento são maiores quando se promovem esforços coletivos para criar novas estruturas de trabalho e formas amplas de solidariedade.

10.000 MULHERES

Um grande benefício do programa 10.000 Mulheres — financiado pela Fundação Goldman Sachs, conduzido pela FGV-EAESP e que oferece gratuitamente educação em gestão de negócios para empreendedoras — é estimular a autoestima e a confiança das participantes. A transformação ocorre especialmente porque elas percebem que existem outras mulheres com as mesmas dificuldades, e o trabalho, antes isolado, passa a ser compartilhado. Esse coletivo gera o fortalecimento de laços e a troca de experiências, o que permite superar os problemas por meio do compartilhamento de soluções inovadoras. A criação de solidariedade entre o grupo é um dos benefícios mais importantes do programa, além de constituir uma rede de relacionamentos para fortalecimento dos negócios. Um estudo sobre empreendedoras na América Latina mostrou que o acesso aos grupos tem impacto fortemente positivo no desenvolvimento dos empreendimentos.

As participantes do programa 10.000 Mulheres mantêm o mesmo padrão de empresas apontadas pelo

relatório GEM 2011, com vários negócios voltados para o mundo feminino, com raras exceções, incluindo serviços de transporte e tecnologia. Como critério para participação, é necessário que a candidata já possua um empreendimento formalizado e não tenha condições de pagar o curso, já que o programa é oferecido gratuitamente para as estudantes.

Durante os cinco anos (2008-2012) em que a Escola vem conduzindo a iniciativa, quase 300 mulheres foram beneficiadas. Além de aulas sobre Estratégia, Marketing, Gestão de Pessoas, Finanças e Operações, as alunas contam com tutoria e consultoria especializada em pequenas e médias empresas, além de feiras e encontros semestrais. Nessas atividades, é fantástico observar a autoconfiança das participantes e os efeitos extremamente favoráveis que suas ações causam sobre a comunidade onde vivem, nas quais passam a ajudar outras mulheres, tornando-se um agente multiplicador dos assuntos vistos no programa e criando redes de solidariedade. Mas, além disso, é fundamental o acesso a capital, informação, treinamento, tecnologia, reconhecimento de suas atividades e liderança no campo. ●

PARA SABER MAIS:

- Global Entrepreneurship Monitor – Empreendedorismo no Brasil. Tales Andreassi. 2011.

MARIA JOSÉ TONELLI > Vice-diretora da FGV-EAESP > maria.jose.tonelli@fgv.br
TALES ANDREASSI > Professor da FGV-EAESP > tales.andreassi@fgv.br